

EM BUSCA POR GENEALOGIAS: MEMÓRIA E DESLOCAMENTO NAS LITERATURAS DE FLUXOS MIGRATÓRIOS

Dionei Mathias¹

Resumo: Este artigo tem como objetivo discutir a intersecção entre o conceito de memória e a literatura de fluxos migratórios. A representação de experiências de migração não é um fenômeno recente na literatura, mas ela tem se intensificando a partir da segunda metade do século XX. Nesse horizonte, a questão na memória tem recebido atenção crescente, uma vez que o deslocamento cultural implica uma transformação nas formas de administrar as narrativas memoriais. Com foco em dois vetores paradigmáticos, este artigo discute como dinâmicas macrossociais impactam na esfera individual, diferenciando entre memórias da origem e as novas práticas memoriais no país de assentamento. Para ilustrar a argumentação, o artigo recorre ao romance *Mano*, de Anja Tuckermann. O texto narra a história de um menino pertencente à minoria étnica rom, cuja família migra da Hungria para Alemanha, no período pré-nazista. O texto ilustra, de forma paradigmática, a complexidade da dinâmica memorial na literatura de fluxos migratórios.

Palavras-chave: Literatura de fluxos migratórios. Memória. Anja Tuckermann. *Mano*.

IN SEARCH OF GENEALOGIES: MEMORY AND DISPLACEMENT IN LITERATURES OF MIGRATORY FLOWS

Abstract: This article aims to discuss the intersection between the concept of memory and the literature on migratory flows. The representation of migration experiences is not a recent phenomenon in literature, but it has been intensifying since the second half of the 20th century. In this horizon, the issue of memory has received increasing attention, since cultural displacement implies a transformation in the ways of dealing with memorial narratives. Focusing on two paradigmatic vectors, this article discusses how macro-social dynamics impact on the individual sphere, differentiating between memories of origin and new memorial practices in the settlement country. To illustrate the argument, the article draws on Anja Tuckermann's novel *Mano*. The text tells the story of a boy belonging to the Rom ethnic minority, whose family migrates from Hungary to Germany, in the pre-Nazi period. The text illustrates, in a paradigmatic way, the complexity of the memorial dynamics in the literature on migratory flows.

Keywords: Literature of migratory flows. Memory. Anja Tuckermann. *Mano*.

¹ Doutorado em Letras (UFPR), professor de Língua e Literatura na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: dioneimathias@gmail.com

Introdução

As turbulências do século XX e do início de século XXI promoveram constantes e interruptos fluxos migratórios nas diferentes regiões do globo. As motivações são múltiplas: ameaças climáticas, pobreza, conflitos armados e, muitas vezes, regimes totalitários. O que esses diferentes desencadeadores da migração têm em comum é a impossibilidade de construir uma narrativa de identidade em consonância com os anseios individuais, forçando indivíduos a abandonar o espaço da primeira socialização, a fim de encontrar um lugar menos hostil às dimensões particulares do si. Junta-se ao silenciamento dos anseios identitários, a presença quase constante da violência, nas suas mais diversas formatações, impedindo a obtenção de voz e agência.

Como objeto de estudo da literatura comparada, a produção oriunda de contextos de fluxos migratórios é transnacional por excelência (FRIEDMAN, 2007), convidando leitores a abandonar o crivo nacional/nacionalista do século XIX para pensar as “refrações da realidade” (PELLEGRINI, 2009, p. 13) no texto literário, a partir de outras modalidades de concepção do pertencimento. Transcender a lógica dos muros nacionais (BERND, 2013a) traz consigo uma série de revisões discursivas. Isso não significa automaticamente abandonar o espaço nacional, mas, definitivamente, implica um deslocamento de foco. Trata-se de um movimento em que a atenção talvez esteja menos voltada para estabilização da narrativa político-nacional de um determinado grupo étnico e mais interessada na discussão de um espaço compartilhado da vida, onde o passaporte deixa de representar a condição primeira para o acesso à solidariedade de um grupo social.

Diretamente atrelado a esse esforço de pensar o deslocamento, encontra-se o desafio de transformar as dinâmicas que instauram as

genealogias. O crivo nacional e de pertencimento étnico talvez represente a mais importante estratégia de organizar as genealogias individuais. Isso obviamente não ocorre por acaso. No processo de socialização, atores sociais são treinados a apropriar-se da realidade a partir das narrativas dominantes de seu espaço social, para desse modo dinamizar o espectro de interações e potencializar suas chances de êxito. Enquanto houver consonância entre essas narrativas dominantes e os anseios individuais, dificilmente o indivíduo vai experimentar o anseio de questionar a interpretação de mundo que o circunda, porquanto ela vai ao encontro de seus interesses e de seus projetos de identidade. É o deslocamento que, não raramente, desencadeia processos de reflexão sobre o condicionamento cultural das visões de mundo. Na esteira da transformação que emerge do deslocamento, também ocorre uma alteração na busca por genealogias.

Com o deslocamento, o sujeito não se insere somente em novas coordenadas espaciais, com suas geografias locais a serem desbravadas, ele igualmente passa a participar de novas configurações discursivas que definem como atores sociais podem se posicionar e se movimentar nas coordenadas ideadas pela respectiva prática cultural. Em sua bagagem, o migrante traz a socialização inicial, com a qual aprendeu a enxergar o mundo, administrar o passado com sua oferta de sentido e olhar para o futuro a fim de instaurar um raio teleológico que justifique suas ações. Ao adentrar novas práticas culturais, uma parte substancial das narrativas de origens perde sua validade, forçando-o a rever suas dinâmicas de afiliação. Nessa encruzilhada, surgem dois desafios. O primeiro se dá a partir da manutenção de laços de afiliação ao espaço de origem que se torna precária, primeiramente por conta da distância geográfica, mas sobretudo também por causa das motivações que impeliram o indivíduo a emigrar, especialmente se estas tiveram

sua origem na negação de pertencimento no espaço de origem. Num segundo momento, já no novo espaço cultural, as regras de pertencimento são outras, pautadas por práticas memoriais que não preveem uma inserção automática para narrativas culturais que destoem das ideais dominantes naquelas coordenadas.

Isso coloca o sujeito migrante diante de um conflito de administração da memória e suas genealogias. Se não pode pertencer ao espaço de origem, o que fazer com as narrativas de sua socialização primária? Se o novo espaço cultural não lhe oferece instrumentos para instaurar alguma forma de afiliação, como gerir o seu lugar e sua voz nesse novo contexto? Se a genealogia da memória o posiciona nesse quadro instável, como pensar o sentido no raio existencial do futuro? A literatura de fluxos migratórios não se limita a esses questionamentos, mas ela é especialmente sensível à sua problematização, encenando a busca por genealogias e, com isso, captando uma experiência-chave da contemporaneidade. Seguindo Zilá Bernd (2013b, p. 362), a literatura da “mobilidade migratória transcultural” trabalha com a “estética do vestígio” que nos convida a refletir sobre “silêncio e esquecimento”, mas também nos desafia a identificar como esses vestígios remetem a configurações memoriais que definem como o indivíduo pode pensar o si a partir dessas coordenadas.

Para aprofundar esse conjunto de questionamentos, este artigo tem como objeto de estudo o romance *Mano* de Anja Tuckermann. O protagonista do texto é o menino Mano, uma criança pertencente à minoria étnica rom, cuja família se desloca da Hungria e se assenta na Alemanha, durante a primeira metade do século XX. Durante o regime nazista, a família é alvo de perseguição, sendo deportada para campos de concentração. Mano consegue sair com vida do encarceramento e, debilitado no caminho, recebe

ajuda de outros ex-prisioneiros que o levam à França. Mano é confrontado com a necessidade de voltar sua atenção para o passado, esclarecer seu lugar no presente e definir sua imaginação de futuro, sempre tendo como pano de fundo os sedimentos memoriais cuja genealogia precisa ser reconstruída.

Nesse sentido, o texto é paradigmático para a questão de fluxos migratórios, especialmente por problematizar um conjunto de questionamentos que permitem identificar elos com outras representações literárias nacionais, ambientadas, por exemplo, na França, Inglaterra, Itália, Estados Unidos ou Canadá. Em todas essas literaturas nacionais, sobejam exemplos de textos que lidam com a genealogia da memória no marco da imigração, tentando problematizar as estratégias da administração do sentido em seus respectivos contextos.

A memória e o espaço de origem

Nesse horizonte, o espaço de origem tem um papel fundamental para a administração da memória, já que é responsável pela socialização inicial. Num primeiro momento, ela fornece modos de acessar a realidade, mas também de olhar para o passado, a fim de identificar o que deve ser incluído na narrativa de representação do espaço cultural. Uma função essencial da tessitura memorial nacional reside na estabilização da coesão de grupo. Por meio de um conjunto de símbolos, surge uma oferta de identificação que produz a sensação de pertencimento. Para assegurar sua eficácia, o processo de socialização prevê diferentes etapas (institucionalizadas ou não) para obter um arraigamento profundo do sentimento de identificação. Nessa lavoura cultural, medra o princípio da solidariedade e da sensação de grupo (LOWENTHAL, 2015), propiciando uma configuração afetiva disposta a investir sua

energia física, cognitiva e emocional nesse projeto de grupo. Desse mesmo movimento, emergem os muros nacionais, a lógica da diferença, a prática de exclusão e a manutenção do princípio da alteridade.

Por trás da dinâmica de grupo, a memória sociocultural, portanto, tem um papel crucial para legitimar uma versão de mundo e, com ela, uma aspiração ao poder. Essa busca por poder pode apresentar motivações diversas, oscilando entre o desejo de instalação de estruturas solidárias e a avidez pela extensão do domínio territorial, de capital ou de prestígio. No movimento inicial, a recuperação da memória de grupo serve para assegurar os limites exteriores, de modo a garantir a exclusão de outros agrupamentos, com suas demandas de poder. Na sequência, a administração da memória se volta para o espaço interno, instalando uma narrativa dominante e investindo na elisão de versões dissonantes, para não pulverizar o poder. Para Gillis (1994, p. 14), memórias são seletivas, permanecendo a serviço de interesses individuais e políticos.

Como toda dinâmica social também a administração da memória é conflituosa. Do espaço interno emergem as vozes que descontroem a narrativa dominante e buscam instaurar uma voz própria, a fim de desencadear revisões da memória dominante e assim incluir outras representações que formam a malha do respectivo espaço sociocultural. Nesse sentido, McDowell (2008, p. 46) escreve:

Enquanto muitos governos nacionais usam o espaço construindo símbolos para consolidar a identidade nacional e legitimar o poder, muitos outros grupos que contestam o uso do espaço e a memória sendo evocada (ou esquecida) trabalharão para minar ou manipular o espaço da memória ou criar seu próprio local de importância que é indicativo de sua própria herança (MCDOWELL, 2008, p. 46)².

2 “While many national governments use space by constructing symbols to consolidate national identity and legitimize power, many other groups who contest the use of space and the memory being evoked (or forgotten) will work to undermine or manipulate the memorial site or create their own separate important place which is indicative of their own heritage” (MCDOWELL, 2008, p. 46).

O espaço interno representa, portanto, um espaço de contestação em que diferentes vozes buscam participação do processo de instauração da genealogia da memória. Essa busca caracteristicamente é conflituosa, muitas vezes, acompanhada do uso de violência. O embate define, sobretudo, como as diferentes vozes podem se articular ou não. Não raramente, fluxos migratórios são desencadeados justamente por conta da impossibilidade de encontrar um espaço de participação. Isso pode ocorrer de modo consciente, especialmente no caso de atores sociais que resistem à imposição de narrativas dominantes (em espaços totalitários ou não), mas também de modo inconsciente, quando indivíduos têm crescente dificuldade de acesso aos recursos necessários para a concretização existencial. Em ambos os casos, a memória dominante não prevê um dispositivo de proteção desses grupos, de forma que estão à mercê dos desmandos daqueles que detêm o poder. Nesse cenário, a alternativa é permanecer e, com isso, aceitar subordinação e silenciamento ou emigrar e buscar por outras formas de acesso aos recursos do mundo.

Ao olhar para o passado a partir da condição de imigrante, a busca pela genealogia da memória apresenta duas funções básicas: identificar o seu lugar no espaço de origem, recuperando sua posição nas dinâmicas interseccionais a fim de obter clareza sobre o escopo da voz, no espaço sociocultural inicial; ao mesmo tempo, ela se revela importante para a identificação de seu posicionamento no lugar de assentamento, onde a compreensão da origem pode auxiliar no esclarecimento do atual escopo de participação e instauração de voz. Também nesse contexto o grau de consciência sobre a genealogia da memória difere de acordo com o investimento cognitivo enfeixado pelo respectivo ator social. Em grande parte, isso também depende da configuração no país de assentamento e das necessidades narrativas que o respectivo sujeito

experimentar. Em outras palavras, sua própria narrativa de identidade tem um impacto substancial no modo como ele vai proceder em relação à busca da genealogia memorial. Sua tessitura cria a base para entender seu lugar no mundo. Para isso, a volta ao passado fornece instrumentos para pensar a própria identidade.

O texto de Anja Tuckermann ilustra essa problemática de forma inusitada ao concatenar a questão dos fluxos migratórios à barbárie do regime nazista. Um fio condutor do texto é justamente a busca pela genealogia da memória (tendo em vista também a questão do trauma, que não será discutida neste artigo). Paulatinamente, a voz narrativa reconstrói o passado do protagonista, justapondo um conjunto de informações que permitem ao leitor vislumbrar o percurso de formação de suas memórias e compreender o comportamento de Mano, no presente diegético. As turbulências do final da segunda guerra mundial e, sobretudo, as dimensões traumatizantes dos acontecimentos de que foi vítima o protagonista impedem uma reconstrução linear, imediata, sem contradições de pertencimento. Essa busca pela genealogia das memórias e a reconstrução da origem se revelam como um processo árduo, extremamente penoso, ao qual Mano se dedica com sentimentos ambíguos, sempre incerto sobre seu pertencimento.

As informações sobre essa origem permanecem fragmentárias, descontínuas, incompletas. Quase ao final do texto, o leitor obtém coordenadas mais precisas por meio de uma carta de um escritório dedicado à busca de crianças perdidas:

Johann HOLLENREINER, cigano húngaro, avô de Manot, que trabalhou com toda a família em um circo na Hungria, veio com este circo em uma turnê pela Alemanha de 1912-1913. Os negócios iam tão bem que ele logo conseguiu fundar seu próprio pequeno circo em Munique. A partir daqui, o circo deu apresentações em cidades alemãs, bem como em cidades de vários países europeus (TUCKERMANN, 2017, p. 294)³.

3 “Johann HOLLENREINER, ungarischer Zigeuner,

A clareza causal do relatório não corresponde ao horizonte subjetivo do protagonista. Uma parte substancial de seu esforço cognitivo é dirigido na tentativa de construção de elos que expliquem seu lugar no mundo, uma experiência que caracteriza muitos personagens migrantes, especialmente da segunda geração. Aqui, os desafios se revelam múltiplos: na França ele é refugiado, na Alemanha é imigrante e na Hungria pertence à minoria rom. Nos três eixos, a família não tem um lugar fixo de pertencimento e nenhum dos respectivos espaços prevê sua representação nas narrativas dominantes. A história de sua família e de seu processo de socialização, portanto, está caracterizado por constantes deslocamentos. Concretamente, isso significa que Mano e sua família não podem recorrer a ofertas discursivas para fundamentar sua própria narrativa do si.

Dada a ausência de representações imagético-discursivas, a família se encontra diante da necessidade de idear alternativas, a fim de imaginar sua própria genealogia. Enquanto seus familiares já internalizaram as estratégias para lidar com as práticas de exclusão, Mano ainda precisa compreender o que está ocorrendo e como processar isso adequadamente:

Agora estou errado de novo. Os franceses não querem os alemães e, quando não se é quisto, é preciso morrer. Eu quero estar certo, em algum lugar, mas não sozinho, melro. Que as pessoas nos queiram. No passado, meu Tata sempre dizia quando alguém perguntava, nós somos da Hungria, para que ninguém pense nada de ciganos e nos faça mal. Somos húngaros e trabalhamos para o circo. Isso é o que Tata sempre disse para que as pessoas não perguntassem de onde viemos ou por que viemos da Hungria (TUCKERMANN, 2017, p. 89)⁴.

Grossvater von Manot, der mir seiner ganzen Familie in einem Zirkus in Ungarn arbeitete, kam mit diesem Zirkus 1912-1913 zu einer Tournee nach Deutschland. Die Geschäfte gingen so gut, dass er bald einen eigenen kleinen Zirkus in Muenchen gruenden konnte. Vor hier aus gab der Zirkus Vorstellungen in deutschen Staedten als auch in Staedten verschiedener europaeischer Laender“ (TUCKERMANN, 2017, p. 294).

4 “Jetzt bin ich wieder falsch. Die Franzosen wollen die Deutschen nicht, und wenn man nicht gewollt wird, muss man sterben. Ich will mal richtig sein, irgendwo, aber nicht

O elemento que se destaca como motor dessa genealogia da memória é a fragilização do pertencimento. Ao buscar reconstruir as memórias do passado, Mano tenta identificar uma narrativa de origem e, com ela, um lugar de arraigamento do qual possa se utilizar para fundamentar sua narrativa do si. Os lexemas “errado” e “certo”, empregados a partir do vocabulário da infância em que Mano se encontra, representam uma tentativa de captar a dinâmica do despertencimento e do modo como isso impacta na sedimentação memorial. O presente diegético, de certo modo, repete uma experiência que perpassa a existência familiar, pois a sensação de deslocamento que o protagonista experimenta na França é semelhante àquela na Alemanha pré-nazista, em que tinha que ocultar a origem, a fim de não colocar em risco suas chances naquele espaço social. Com a ascensão do regime, esse despertencimento encontra seu clímax, diante da máquina racionalizada da barbárie. No caso do protagonista, a busca se torna ainda mais complexa e penosa, por conta das experiências traumatizantes nos campos de concentração.

Em todos esses espaços, a família busca se assentar e obter uma narrativa de origem. Em todos eles, essa narrativa se torna problemática, pois a tessitura dominante não permite sua representação e, com isso, inclusão, sem um alto grau de conflitos. Em todas as coordenadas (Hungria, Alemanha, França), as lógicas de poder não preveem a participação e instauração de voz: na Hungria e na Alemanha por conta do pertencimento à minoria étnica rom, na França, por seu possível pertencimento à esfera alemã nazista. Ao final do enredo, o protagonista se alegra ao reencontrar a família em Munique, mas nesse momento também

allein, Amsel. Dass die Leute uns haben wollen. Früher hat mein Tata immer gesagt, wenn wer gefragt hat, wir sind aus Ungarn, damit keiner was denkt von Zigeuner und schlecht zu uns ist. Wir sind Ungarn und arbeiten für den Zirkus. So hat es Tata immer gesagt, damit die Leute nicht fragen, wo wir herkommen, und auch nicht, wieso wir von Ungarn hergekommen sind“ (TUCKERMANN, 2017, p. 89).

já se sente irrevogavelmente afiliado à França, onde criou fortes laços afetivos.

Em muitos textos da literatura de fluxos migratórios, a origem é foco constante de problematização, e a condição de imigrante é caracterizada pela sensação aguda de despertencimento. A ausência de uma genealogia sólida de memória intensifica essa experiência. Nesse bojo, o que fazer com a origem ou como se inserir na nova prática memorial do novo espaço de assentamento são questões que inevitavelmente passam pelo crivo de personagens desses textos literários. Muitas vezes, o que se instaura é um vetor de ambiguidade, em que o pertencimento permanece num limbo, impactando no modo como a genealogia da memória é gerida. Essa configuração produz a oscilação afetiva que caracteriza muitos protagonistas, criando um pêndulo entre retorno e permanência, entre pertencimento e despertencimento, entre estabilidade e fragilização.

Nesse horizonte, a origem já não pode ser reduzida a uma. Com efeito, ela se torna múltipla e fluida. Para compreender a origem múltipla, contudo, o estado nacional e suas práticas de atribuição de cidadania já não servem, pois nelas rege o imperativo dos muros. O que o personagem Mano ilustra é como esse conceito de origem transcende as lógicas binárias, com suas redes de oposição, para se inserir numa malha multivetorial de afiliações afetivas, responsáveis pela genealogia da memória. Nesse sentido, não é mais o passaporte que define a origem, mas sim o fundamento afetivo que embasa o ser no mundo.

Memórias e o espaço de assentamento

A administração da memória sociocultural no espaço de assentamento apresenta, obviamente, uma série de analogias com o espaço de origem. Dependendo da respectiva intersecção social, imigrantes podem ter pertencido ao grupo

majoritário ou também feito parte de um agrupamento minoritário, de acordo com a administração da narrativa dominante e da prática memorial. No novo contexto de assentamento, essa dinâmica pode se repetir, possibilitando uma integração rápida daqueles que chegam ou impedindo sua representação, de acordo com o capital simbólico que detêm. Por exemplo, imigrantes do oeste europeu que se assentam nos Estados Unidos ou no Canadá têm outros desafios, se comparados a imigrantes que se dirigem à mesma região, mas oriundos de países asiáticos, africanos ou latino-americanos. A mesma configuração, agora em direção ao oeste europeu como espaço de assentamento, produziria situações semelhantes. Em ambos os casos, a dinâmica memorial dominante nesses espaços permite (ou não) a construção de uma genealogia que pavimenta o caminho da integração e, com isso, de pertencimento.

Em seu estudo sobre o nexos entre memória e migração, Glynn e Kleist procuram caracterizar a dinâmica da administração memorial e seus percursos genealógicos:

No que diz respeito ao aspecto social, as memórias são políticas. Referências públicas ao passado são consideradas “políticas da memória”, pois constroem pertencimentos que determinam quem e como alguém pode ser incluído em um grupo, sociedade, nação ou governo. Os migrantes podem ou não ser incorporados a tais pertencimentos. Eles podem constituir um grupo entre outros, ou podem não ser reconhecidos como migrantes, dependendo do contexto social e político em que o passado é evocado. As memórias que evocam uma relação entre os migrantes e a sociedade receptora são políticas em termos de incorporação, determinando a seletividade de admissão, a posição de novos membros em uma sociedade e a participação potencial dos migrantes na política receptora. Quem é cidadão e quem pertence a uma nação, quem faz parte da maioria da sociedade e quem faz parte de uma minoria são questões colocadas, não apenas pela migração, mas pelo recurso a memórias nas quais se expressam seleções e constelações de pertencimento (GLYNN/KLEIST, 2012, p. 9)⁵.

5 “In regard to their social aspect, memories are political. Public references to the past are considered ‘memory politics’ for they construct belongings that determine who and how someone may be included in a group, a society, a nation or a polity. Migrants may or may not be incorporated into such

O modo como a memória do espaço sociocultural é administrada, portanto, define como atores sociais de diferentes origens podem participar, traçando as fronteiras simbólicas internas. Transpostos os obstáculos da muralha exterior, tem início um percurso ainda mais árduo de transposição dos muros simbólicos que, em seu caráter em grande parte imaterial, determinam quem pode, de fato, se assentar e quem permanece irrevogavelmente no limbo da imigração. Uma parte desse esforço em direção ao assentamento reside, por consequência, em compreender a lógica que instaura a genealogia da memória, identificando as cartografias que estabelecem os pertencimentos. Dado o passo da compreensão, o percurso prevê a apropriação das ferramentas responsáveis pela produção discursiva, a fim de participar da tessitura, fornecendo novas interpretações do passado e do presente, de modo a imaginar uma narrativa que legitime outras formas de pertencimento.

Como a identidade, a memória não é algo estável e permanente, estando sujeita a constantes reformulações, sempre fornecendo uma narrativa do passado que legitime o presente ou uma visão de futuro. Em consonância com esses objetivos, a genealogia memorial está atrelada a um constante processo de negociação que passa por movimentos de aceitação, questionamento e subversão. Nesse sentido, a própria memória reproduz o movimento de deslocamento inerente à imigração, como aponta Creet:

O que significaria considerar a faceta da migração da memória, em vez da distância de seu ponto de origem perdido para sempre, como nosso objeto de estudo? E o

belongings. They may constitute a group among others, or they may not be recognised as migrants at all, depending on the social and political context in which the past is evoked. Memories that conjure up a relationship between migrants and the receiving society are political in terms of incorporation, determining the selectivity of admission, the position of new members in a society, and migrants’ potential participation in the receiving polity. Who is a citizen and who belongs to a nation, who makes up society’s majority and who is part of a minority are questions posed, not just for migration, but in recourse to memories in which selections and constellations of belonging are expressed” (GLYNN/KLEIST, 2012, p. 9).

que podemos aprender traçando sua fixidez ansiosa no fluxo constante? Nesta coletânea, investigamos o movimento como condição da memória, e nosso desejo de sua fixidez, ou pelo menos a fixidez de suas origens geográficas e temporais. Este paradoxo fundamental entre localização e migração governa a maior parte de nosso pensamento sobre a memória (CREET, 20122, p. 9).⁶

Seguir a trilha “do fluxo constante” parece conter um esforço que não se limita a problematizar a fixidez dos artefatos memoriais e suas narrativas representacionais (em outras palavras, a origem), ele inclui também atentar para a instabilidade e descontinuidade da memória, como tessitura de constante renovação, num diálogo ininterrupto com as malhas simbólicas em que é produzida. Para a análise da literatura de fluxos migratórios, esse movimento compreende um esforço não de recriar o princípio dos muros cartográficos ou simbólicos, com seus imperativos de origem, mas sim de dar a preferência à problematização do processo em que sentidos são construídos e inseridos em novas malhas narrativas.

Nesse horizonte, a intersecção sociocultural representada no texto de Tuckermann é peculiar, mas também paradigmática, ao problematizar as dimensões que direcionam a administração da memória na sociedade de acolhimento. Ao chegar na França como criança refugiada, Mano é acolhido, especialmente por aqueles que acompanharam muito proximamente ou foram vítimas da barbárie nazista. A atmosfera afetiva se encontra suscetível para a solidariedade em relação àqueles que também sofreram sob o regime totalitarista do país vizinho. Dessa perspectiva, surge um movimento de construção da genealogia da memória que identifica elementos partilhados, permitindo assim

6 “What would it mean to take the quality of memory’s migration rather than the distance from its forever-lost point of origin as our object of study? And what can we learn by tracing its anxious fixity in the constant flow? In this collection, we investigate movement as the condition of memory, and our desire for its fixity, or at least the fixity of its geographic and temporal origins. This fundamental paradox between location and migration governs most of our thinking about memory” (CREET, 2011, p. 9).

a possibilidade de uma narrativa comum que inclui o outro:

‘Este é o Mano, ele tem onze anos e está morando comigo por enquanto. Ele estava em Ravensbrück.’

Quando as mulheres ouviam isso, gritavam: ‘Oh, le pauvre petit’, e beijavam-no e abraçavam-no. Às vezes o pegavam no colo, sentiam muita compaixão e Mano logo descobriu o porquê: elas sabiam do que se tratava. Algumas amigas de Madame Marcheix-Thoumyre também estiveram encarceradas em Ravensbrück, marcadas com um triângulo vermelho como prisioneiras políticas. Geneviève de Gaulle, sobrinha do famoso general, também sobreviveu ao campo de concentração (TUCKERMANN, 2017, p. 174-175).⁷

A passagem ilustra uma estratégia importante para a instauração de uma genealogia da memória. Essa estratégia reside em reconhecer uma experiência comum e transformá-la em elo que legitime a formação de uma imagem de grupo. Nesse episódio, no lugar dos muros nacionais instaurados pela cartografia política, as mulheres dirigem sua atenção para a semelhança de experiências e a adotam como fundamento para instaurar uma narrativa comum. Com isso, a memória deixa de ser pautada pelo princípio étnico ou sociocultural, recorrendo a uma configuração afetiva como mecanismo de construção da origem e da partilha. Nessa situação específica, os membros do país de acolhimento não recuperam o fato de que Mano fale alemão ou tenha, ao menos, uma parte de sua origem no país de onde proveio a hostilidade bélica contra os franceses, para focar naquilo que os une.

Ao mesmo tempo, também há outras formas de conceber a memória do ser no mundo. Quando

7 “Das ist Mano, er ist elf Jahre alt und wohnt jetzt erst mal bei mir. Er war in Ravensbrück.”

Wenn die Frauen das hörten, riefen sie: “Oh, le pauvre petit”, und küssten und umarmten ihn. Manchmal nahmen sie ihn auf den Schoß, sie hatten großes Mitgefühl, und Mano erfuhr bald, warum: Sie wussten, wovon die Rede war. Einige von Madame Marcheix-Thoumyres Freundinnen waren auch in Ravensbrück gefangen gewesen, als politische Gefangene mit einem roten Winkel markiert. Auch Geneviève de Gaulle, die Nichte des berühmten Generals, hatte das KZ überlebt” (TUCKERMANN, 2017, p. 174-175).

Mano recebe ajuda no caminho, sua benfeitora lhe recomenda negar sua procedência alemã (TUCKERMANN, 2017, p. 22), semelhantemente ao que sua família fizera ao recomendar que negasse sua origem rom, na Alemanha. Ele deve afirmar ser francês, no primeiro caso, e alemão, no segundo. Em ambas as situações, seus interlocutores identificam que a origem pode impactar no modo do acolhimento e, com isso, no modo de construir uma genealogia da memória que permita imaginar um pertencimento comum. No círculo da senhora Marcheix-Thoumyre, ele ainda encontra interlocutores dispostos a encontrar algo que os une. Em muitas outras situações, Mano será confrontado justamente com o movimento contrário que erige os muros da exclusão, impedindo uma intersecção memorial partilhada. A modo de exemplo, durante um passeio com a Tia Fifine, cuja família o acolhe em um momento do enredo, Mano começa a obter clareza sobre isso:

Todos iam dar um passeio. Era uma noite amena de primavera e Mano iria ser apresentado à vovó. Tia Fifine segurou a mão de Mano novamente. Ele cambaleava como se não tivesse chão sólido sob os pés.
'Tia, o que significa sale?', ele perguntou.
'Sujo.'
'E o que significa Allemands?'
'Alemães.'
'E cochon?'
'Porco.'
Eles são bons comigo, mas quando descobrirem o que eu sou, serei morto ou encarcerado de novo em um acampamento com os alemães, eles não querem os alemães, nunca posso dizer quem eu sou (TUCKERMANN, 2017, p. 55)⁸.

Como na Alemanha, onde precisou ocultar sua origem rom, nesse novo contexto, ele precisa

⁸ "Sie gingen alle zusammen spazieren, es war ein milder Frühlingsabend, und Mano sollte der Oma vorgestellt werden. Wieder hielt Tante Fifine Mano an der Hand. Er lief schwankend, als hätte er keinen festen Boden unter den Füßen.

'Tante, was heißt sale?', fragte er.

'Dreckig.'

'Und was heißt Allemands?'

'Deutsche.'

'Und cochon?'

'Schwein.'

So sind sie gut zu mir aber wenn sie erfahren was ich bin werde ich umgebracht oder mit den Deutschen wieder in ein Lager gesperrt sie wollen die Deutschen nicht darf niemals sagen wer ich bin" (TUCKERMANN, 2017, p. 55).

ocultar sua ligação com a Alemanha, o que significa administrar um alto grau de contradições e ambiguidades, sem conseguir esclarecer como pensar o pertencimento. Na passagem citada, que se repete de formas análogas em diferentes instituições por onde o protagonista passa, o esforço de recuperação da memória se volta para aqueles elementos que legitimaram a violência perpetrada pelo país vizinho, isto é, o agrupamento étnico com suas lógicas de exclusão. A passagem não reduz a complexidade inerente ao processo de negociação, pelo contrário, ela ilustra a multiplicidade de dinâmicas que contribuem para a formação de uma genealogia de memória, aqui no plano da interação individual, que frequentemente reflete a narrativa dominante que perpassa um espaço sociocultural.

Vale lembrar que o enquadramento específico desse momento histórico pós-guerra propicia a condução desse olhar, o que vai se transformando de acordo com as novas formatações da tessitura memorial. Para Pollak (1989, p. 9-10)

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro.

As relações franco-alemãs são exemplo disso, tendo traçado um arco que revela diferenças substanciais entre o momento pós-guerra e o início do século XXI, com seu esforço em construir uma narrativa comum de União Europeia. As narrativas que compõem a genealogia memorial desses espaços migraram para um outro esforço discursivo. Algo semelhante é observável nas relações nipo-americanas (Pearl Harbour), nas relações franco-argelinas (Guerra da Argélia) ou nas relações britânicas com a ex-colônias no período pós-independência.

Em todos esses exemplos, a genealogia da memória se transforma, legitimando ou deslegitimando o pertencimento, desconstruindo muros ou traçando novas linhas divisórias, em consonância com a prática dominante do momento histórico. Os enquadramentos são múltiplos e diversos. Como no contexto da origem, o processo de assentamento, com suas implicações para a narrativa memorial, não é uma unidade fixa, igual para todos. Pelo contrário, também nesse contexto se identifica uma multiplicidade que provém dos diversos enquadramentos possibilitados no país de assentamento e das múltiplas dinâmicas afetivas que caracterizam o indivíduo ao buscar sua inserção.

Nesse horizonte, além da necessidade de administrar as consequências individuais provenientes das experiências afetivas, especialmente de exclusão ou perseguição, personagens imigrantes não raramente precisam administrar os impactos das imagens de seu país de origem, no novo espaço de assentamento. As narrativas memoriais, com afirma Creet, também migram, transformando os enquadramentos. No início do século XXI, imigrantes alemães na França ou imigrantes franceses na Alemanha têm uma recepção diferente daquela acordada a imigrantes turcos, sírios ou de origem africana. Isso está ligado ao modo como a genealogia da memória é construída, permitindo (ou não) a imaginação de experiências compartilhadas e suscitando, com isso, práticas de acolhimento ou exclusão.

A literatura de fluxos migratórios ilustra a fluidez e a multiplicidade inerente a essas dinâmicas memoriais, problematizando o modo como tessituras da memória impactam nas interações do presente (diegético) e na imaginação de futuro. Ao final de seu estudo, Cury (2006, p. 30) escreve: “A negociação mútua, com duplo sinal entre o próprio e o outro, entre o estrangeiro e o nacional, registrando memórias variadas e contraditórias nos seus movimentos de afirmação e negação, elege

o sempre migrante espaço da literatura como um polifônico ponto de encontro”. Nessa perspectiva, o texto literário faz uma oferta de imaginação de realidade que convida o leitor a refletir sobre lógicas da genealogia na memória, em tempos de deslocamento, suscitando questionamentos e desbravando alternativas.

Considerações finais

Entre o plano individual e macrossocial, personagens migrantes ilustram formas de administração das práticas memoriais. Inseridos em fluxos migratórios, esses personagens passam por um processo de deslocamento e reassentamento cultural, no qual se veem confrontados com o desafio de identificar formas de pertencimento, legitimadas pelas narrativas memoriais, no espaço de interação social. Tanto no espaço de origem como de assentamento, a busca pela genealogia da memória passa pela revisão das formas de participação de cada indivíduo. Nessa esteira, uma parte substancial do esforço cognitivo se dedica a reconhecer se a memória que representa um grupo permite ao sujeito migrante participar de sua tessitura e se ela contém um acervo imagético que o represente. Por conseguinte, a revisão das práticas memoriais com sua representação do passado busca identificar as modalidades de inserção no presente e as formas de imaginar o futuro, no marco na imigração.

Nesse horizonte, tanto a origem como o assentamento das práticas memoriais revelam um alto grau de complexidade que já não são passíveis de compreensão unicamente a partir das lógicas binárias dos estados nacionais. Assim, a origem deixa de ser concebida exclusivamente a partir do lugar de nascimento e de suas coordenadas geográficas claramente demarcadas, para ser entendida como uma dinâmica afetiva com múltiplas afiliações que vão definir a genealogia da memória. As práticas

memoriais no espaço de assentamento, também múltiplas e fluidas, por sua vez, se transformam em foco de atenção, na medida em que se transformam, oferecendo diferentes enquadramentos. São esses enquadramentos que traçam as coordenadas que vão definir as modalidades de representação e inclusão na memória local. Com isso, a busca pela genealogia memorial na literatura de fluxos migratórios traz a lume o caráter migratório, fluido e em constante movimento da própria memória.

Referências

- BERND, Zilá. Afrontando fronteiras da literatura comparada: da transnacionalidade à transculturalidade. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n.23, 2013a, p. 211-222.
- BERND, Zilá. Lire les littératures de la migration à partir des vestiges mémoriels. In: ERTLER Klaus-Dieter; IMBERT, Patrick (eds). *Cultural challenges of migration in Canada. Les défis culturels de la migration au Canada*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2013b, p. 361-370.
- CREET, Julia. Introduction: The Migration of Memory and Memories of Migration. In: CREET, Julia; KITZMANN, Andreas. *Memory and Migration: Multidisciplinary Approaches to Memory Studies*. Toronto: Toronto University Press, 2011, p. 3-26.
- CURY, Maria Zilda Ferreira Cury. Uma luz na escuridão: imigração e memória. In: VAZ, Artur Emilio Alarcon; BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; CURY, Maria Zilda Ferreira Cury (Orgs.). *Literatura e imigrantes: sonhos em movimento*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG; Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2006, p. 9-33.
- FRIEDMAN, S. S. Migrations, Diasporas and Borders. In: NICHOLLS, David (ed.). *Introduction to Scholarship in Modern Languages and Literature*. New York: MLA, 2007, p. 260-293.
- GILLIS, John R. Memory and Identity: The History of a Relationship. In: GILLIS, John R. (ed.). *Commemorations: The Politics of National Identity*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1994, p. 3-24.
- GLYNN, Irial; KLEIST, J. Olaf. The Memory and Migration Nexus: An Overview. In: GLYNN, Irial; KLEIST, J. Olaf (eds.). *History, Memory and Migration. Perceptions of the Past and the Politics of Incorporation*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2012, p. 3-29.
- LOWENTHAL, David. *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- MCDOWELL, Sara. Heritage, memory and identity. In: GRAHAM, Brian; HOWARD, Peter (eds.). *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. Aldershot: Ashgate Publishing, 2008. p. 37-54.
- PELLEGRINI, Tânia. Realismo: a persistência de um mundo hostil. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, n. 14, 2009, p. 11-36.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. *Estudos Históricos*, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- TUCKERMANN, Anja. *Mano. Der Junge, der nicht wusste, wer er war*. Berlin: Klak, 2017.

Submissão: outubro de 2021

Accete: dezembro de 2021.